

## O corpo obsoleto e as tiranias do *upgrade*

É hora de se perguntar se um corpo bípede, que respira, com visão binocular e um cérebro de 1.400 cm<sup>3</sup> é uma forma biológica adequada. Ele não pode dar conta da quantidade, complexidade e qualidade de informações que acumulou; é intimado pela precisão, pela velocidade e pelo poder da tecnologia e está biologicamente mal equipado para se defrontar com seu novo ambiente. O corpo é uma estrutura nem muito eficiente, nem muito durável. Com frequência, funciona mal [...]. É o momento de reprojeter os humanos, torná-los mais compatíveis com suas máquinas.

*Stelarc*<sup>1</sup>

Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas.

*Gilles Deleuze*<sup>2</sup>

Uma das características que melhor definem o homem é, precisamente, sua indefinição: a proverbial plasticidade do ser humano. Não surpreende que tenha sido um renascentista, Giovanni Pico della Mirandola, quem o expressara da melhor maneira: foi nas frases ardentes de sua *Oratio de Hominis Dignitate*, cujos originais foram afixados com grande escândalo nas portas da cidade de Roma. Corria o ano de 1486 e o jovem conde tinha descoberto algo tão importante que não podia ser calado: o homem se revelara subitamente como uma criatura miraculosa, pois sua natureza continha todos os elementos capazes de torná-lo seu próprio arquiteto. Há mais de cinco séculos, tal sentença foi considerada uma gravíssima heresia. Contudo, seu discurso não foi esquecido; pelo contrário, ele contribuiu para a inauguração de uma era que hoje talvez esteja chegando ao fim: a do Homem.

---

<sup>1</sup> Stelarc, “Das estratégias psicológicas às ciberestratégias: a protética, a robótica e a existência remota”, in Diana Domingues (org.), *A arte no século XXI: a humanização das tecnologias*, São Paulo, UNESP, 1997, p. 54-59.

<sup>2</sup> Gilles Deleuze, “*Postscriptum* sobre as sociedades de controle”, *Conversações: 1972-1990*, Rio de Janeiro, Editora 34, 1992, p. 220.

Assim recriara esse humanista do Renascimento a fala de Deus no *Gênesis*: “Não te dei nem rosto nem lugar algum que seja propriamente teu, tampouco um dom que te seja particular, oh, Adão!” Em seguida, acrescentava: “Não te fiz nem celeste, nem terrestre, nem mortal, nem imortal, a fim de que sejas tu mesmo, livremente, à maneira de um hábil escultor, o encarregado de forjar tua própria forma.”<sup>3</sup> Plástico, moldável, inacabado, versátil, o ser humano tem se configurado de diversas maneiras pelas histórias e pelas geografias. Mas parece terem sido as sociedades baseadas na economia capitalista – desenvolvidas nos últimos três séculos no mundo ocidental – as que inventaram o leque mais abundante de tecnologias para a moldagem de corpos e de subjetividades.

Na atual “sociedade da informação”, essa fusão entre o homem e a técnica se aprofundou e, por isso mesmo, está se tornando mais crucial e problemática. Certas áreas do saber constituem peças-chave dessa complexificação, como a teleinformática e as novas ciências da vida. Essas disciplinas, que, em princípio, parecem tão diferentes entre si, possuem uma base e uma ambição comuns: estão irmanadas no horizonte de digitalização universal que ilumina nossa era e marca seus compassos. Nesse contexto, precisamente, surge uma suspeita inusitada: o corpo humano, em sua antiga configuração biológica, estaria se tornando “obsoleto”.

Tão intimidados como seduzidos pelas pressões de um meio ambiente amalgamado com o artifício, os corpos contemporâneos não conseguem fugir das tiranias e das delícias do *upgrade*. Essa mania de aprimoramento sem pausa não aposta em qualquer direção; ela tem um norte bem preciso, no qual lateja o desejo de ajustar a própria compatibilidade com o tecnocosmo digitalizado. Algo que só se consegue – ou, pelo menos, procura-se sempre conseguir – graças à atualização tecnológica permanente. Trata-se de um projeto muito ambicioso que, para além dos prazeres e triunfos nele envolvidos, não está isento de perigos, aflições e desafios de toda índole. Valendo-se dos sortilégios digitais, por exemplo, essa empreitada

---

<sup>3</sup> Pico della Mirandola, *De la dignidad del hombre*, Madri, Nacional, 1984, p. 105.

contempla a abolição das distâncias geográficas, das doenças, do envelhecimento e inclusive da mesmíssima morte.

Assim entraram em crise várias ideias e valores que pareciam firmemente estabelecidos. Nada menos que o ser humano, a natureza, a vida e a morte hoje atravessam turbulências, despertando todo tipo de discussões e perplexidades que apontam para a sua redefinição. Algumas propostas tecnocientíficas bem atuais proclamam um replanejamento da espécie humana, insinuando o advento de uma nova era comandada pela evolução pós-humana ou mesmo por certa *pós-evolução* de toda a biosfera; ou seja, um tipo de evolução que não seria mais natural, porém artificial. Esses processos superariam em velocidade e eficiência os lentos ritmos da velha natureza, acelerando e turbinando a biologia com os mais novos recursos tecnocientíficos.

Sob o amparo desses anseios e de toda a mitologia que os acompanha, anunciam-se projetos que até pouco tempo atrás pertenciam exclusivamente ao terreno da ficção científica, plasmados em obras já clássicas, como *Frankenstein*, *Blade Runner* e *Admirável mundo novo*. Mas agora esses empreendimentos são debatidos em diversos âmbitos, cenários e tons, inclusive os mais circunspectos e gabaritados, já que a humanidade parece se encontrar diante de uma insólita encruzilhada: um ponto de inflexão com consequências potencialmente incalculáveis e irreversíveis, pois implica tomar decisões políticas e éticas que comprometem o futuro da vida no planeta.

Se, de fato, os mecanismos da seleção natural descritos por Charles Darwin em meados do século XIX estão sendo transferidos para as mãos dos homens – ou, melhor, de certas instâncias humanas –, o horizonte evolutivo se defronta com um abismo. Isso não se refere apenas a nossa espécie, é um projeto que compreende toda a fauna e a flora da Terra. Essa vertigem é difícil de ser pensada ou até mesmo mapeada, pois nela estamos completamente envolvidos e, além disso, as transformações não são apenas inéditas, mas ocorrem com muita pressa. Entretanto, é possível identificar e explorar algumas pistas presentes nos discursos que evocam certos sonhos de autocriação por parte do gênero humano, cujos ecos são tão fascinantes como aterradores.

Alguns desses desvarios, por exemplo, parecem ressuscitar as ambições eugênicas da primeira metade do século XX. Dessa vez, po-

rém, a proposta apresenta suas peculiaridades de época, entre as quais não é um detalhe menor o papel desempenhado pelo mercado, que nas últimas décadas tem conquistado boa parte das velhas prerrogativas e soberanias nacionais. Além disso, essa sedutora reciclagem dos antigos delírios totalitários se propõe como tendo duas características antes inexistentes: agora seria tecnicamente possível e eticamente viável, o que não deixa de acender tanto reações de euforia e celebração como de desagrado e rejeição.

Este livro examina alguns desses processos de hibridação orgânico-tecnológica que estão ocorrendo atualmente, assim como as metáforas que costumam atravessá-los e impregnam os vocabulários cotidianos, afetando o corpo e a vida de cada um de nós. Pois tudo isso acontece com a imprescindível colaboração das mídias e dos mercados, que também ajudam a plasmar seus efeitos *reais* no mundo. Por isso a principal intenção desta sondagem consiste em desenranhar as articulações desses movimentos com a sociedade em cujo cerne se desenvolvem, considerando os fatores socioculturais, políticos e econômicos que compõem o fenômeno. Somente assim, analisando esse contexto mais amplo que o acolhe e o torna possível, poderão ser enunciados alguns questionamentos fundamentais, que constituem o âmago deste texto.

Talvez as diferentes culturas, desenvolvidas nos diversos tempos e espaços do universo humano, não se definam tanto pelo conjunto de conhecimentos e saberes que produziram, mas pelas inquietações que suscitaram e pelas perguntas que permitiram formular. Hoje podemos levantar algumas questões que em outras épocas teriam sido impensáveis. Por exemplo: ainda é válido – ou sequer desejável – persistirmos dentro das margens tradicionais do conceito de *homem*? Nesse caso, por quê? Ou, pelo contrário, seria talvez conveniente reformular essa noção herdada do humanismo liberal para inventarmos outras formas, capazes de conter as novas possibilidades que estão se abrindo e levá-las às suas últimas consequências? O que estamos nos tornando? Vale a pena lamentar o que abandonamos e fazer alguma coisa para não perdê-lo de vez? O que realmente gostaríamos de ser? São perguntas de alto teor filosófico e político, cujas respostas não deveriam ser soltas ao acaso.

Com as transformações aqui focalizadas e o decorrente declínio daquela sociedade moderna e industrial, impulsionada pelos corpos disciplinados de seus protagonistas – “dóceis e úteis”, segundo a célebre adjetivação de Michel Foucault –, decaem também figuras como as do autômato, do robô e do homem-máquina. Essas imagens alimentaram muitas metáforas e alegorias, inspirando toda sorte de ficções e realidades ao longo do último par de séculos. Hoje, entretanto, proliferam outros modos de ser e de narrar o que somos: novas definições da vida, dos corpos e das subjetividades, em sintonia com as mudanças ocorridas no campo tecnocientífico e em todos os fatores que contribuem para alimentá-lo.

Assim, em gradativo afastamento da dura lógica mecânica que comandou o industrialismo, cada vez mais investidos pelo novo regime digital, os corpos contemporâneos se apresentam como perfis cifrados nas bases moleculares de sua constituição bioquímica. Nos âmbitos mais diversos, agora eles são pensados e tratados como sistemas de processamento de dados e feixes de informação; e, graças às potências do novo arsenal tecnocientífico, esta última é manipulável, quase sempre visando a otimizar seu desempenho e seu bem-estar. Desse modo, entregue às novas cadências da tecnociência, da mídia e do mercado, o corpo humano parece ter perdido tanto sua definição clássica como a analógica solidez que outrora o constituía. Na esteira digital, ele se torna mais permeável, projetável, reprogramável.

Com essas mutações, o sonho renascentista que inflamava o discurso de Pico della Mirandola parece estar atingindo, em certa medida, seu ápice, pois só neste novo contexto ele poderia, enfim, ser consumado. Agora, afinal, os seres humanos dispõem – ou daqui a pouco disporão – das ferramentas necessárias para arquitetar vidas, corpos e mundos graças ao instrumental de uma tecnociência cada vez mais onipotente. Ou será, pelo contrário, que tal sonho humanista ficou definitivamente obsoleto? De acordo com esta outra perspectiva, a natureza humana – apesar de toda a grandiosidade com a qual vem nos deslumbrando nesses últimos cinco séculos – talvez tenha tropeçado em seus próprios limites. Teria ela se deparado com uma barreira inexorável, que não permite mais os trabalhosos avanços daquele aperfeiçoamento gradativo simbolizado pelo progresso?

Talvez. No entanto, algumas pistas aqui analisadas sugerem que essa fronteira começou a revelar uma superfície porosa, vislumbrando-se certas frestas que permitiriam transgredi-la e ultrapassá-la.

São poucas as certezas que possuímos neste momento, mas é possível que essa seja uma boa notícia. As artes, as ciências e a filosofia têm pela frente uma tarefa esquiva: abrir fendas na segurança do que já foi pensado, contribuindo assim para a ousadia que implica imaginar novas perguntas. A verdade, afinal, é apenas “uma espécie de erro que tem a seu favor o fato de não poder ser refutada” – como apontou, de novo, o recém-mencionado Foucault, dessa vez parafraseando explicitamente seu mestre Friedrich Nietzsche – “porque o longo cozimento da história a tornou inalterável”.<sup>4</sup> Das verdades consideradas eternas e universais, ou mesmo daquelas outras certezas efêmeras que são constantemente exaladas pelos meios de comunicação, convém, acima de tudo, desconfiar. O jogo consiste, portanto, em fazer como se nada fosse evidente ou natural, praticando então o saudável exercício do estranhamento, a fim de ensaiar novas refutações ou provocações.

---

<sup>4</sup> Michel Foucault, “Nietzsche, a genealogia e a história”, *Microfísica do poder*, Rio de Janeiro, Graal, 1979, p. 19.